

Continuar

Este livro não tem conclusão, e nem poderia. Como mencionamos na introdução – e apresentamos em mais detalhes no último capítulo – o propósito deste trabalho é se situar *em meio* às lutas políticas em curso. É verdade que as intuições, ideias e práticas sistematizadas aqui foram elaboradas a partir de experiências militantes e trocas intelectuais entre centenas de pessoas pelo mundo ao longo da década passada, mas isso não significa que essa elaboração coletiva se encerrou ou que esse esforço teórico está completo. Tanto o formato deste livro e nossa estratégia para sua divulgação, quanto os processos de reestruturação que iniciamos em nossos coletivos, visam facilitar que outras experiências e trocas entre organizações possam surgir e se conectar a esse processo anterior. Para nós, o sucesso ou fracasso deste escrito é melhor mensurado pelas articulações entre organizações políticas emancipatórias que ajudar a promover do que pela concordância ou aprovação intelectual de seus leitores.

Como não poderia deixar de ser, muito do que foi apresentado aqui é devedor do contexto social e político no qual foi elaborado – a começar pela escolha de apenas citar explicitamente um livro, o *Manifesto do Partido Comunista*, e centrar o diálogo teórico com o marxismo. Até mesmo a escolha por preservar a denominação de “comunistas” é também parcial e pode desnecessariamente bater de frente com o pensamento de outros processos políticos que, sentindo a necessidade de abdicar dessa linguagem particular, elaboraram outras ferramentas e ideias para orientar sua própria prática de articulação e composição. Esperamos que o esforço que fizemos para que nossa teoria fosse, ao mesmo tempo, abstrata o suficiente para abarcar contextos muito diversos e, onde era relevante, centrada em estruturas e práticas, mais do que em nomes ou bandeiras, ajude a mitigar essas desavenças e a jogar luz em articulações possíveis entre lutas que se compreendem através de tradições políticas efetivamente conflituosas entre si.

Assim, ao invés de propor uma conclusão teórica ou arremate final para este trabalho, gostaríamos de abordar a principal “ponta solta” que deixamos. Tanto o

diagnóstico que apresentamos na primeira parte do livro quanto as ferramentas que construímos na segunda e terceira parte, serviram para balizar o que chamamos de investigação e de composição. *Investigar* é atuar em nossas lutas do ponto de vista comunista, transformando questões de organização, de intervenção e de como as lutas são percebidas pelos outros em um campo expandido de ação, que considera o espaço político em que está inserido. *Compor* é transformar esses processos práticos de investigação – seja onde tem mais a forma de experimentos, ou de trocas de “tecnologia” ou de enquetes – em redes cada vez mais consistentes e maiores de articulação concreta entre lutas. Mas o título deste livro inclui um terceiro termo: *continuar*. O que significa continuar, e como isso se relaciona com a investigação e a composição?

Como vimos, o ponto de vista comunista, para nós, não é aquele que toma à frente e dirige um processo político. Em algumas lutas, existem vanguardas bem definidas, e isso pode ser importante, em outras isso é secundário ou mesmo um sintoma de que algo não vai bem. Além do mais, dependendo do contexto, é possível que os setores mais avançados de cada luta ou movimento se alterem drasticamente. É possível que partidos, movimentos, comunidades que hoje conseguem formular um caminho, amanhã se deparem com condições adversas que nunca enfrentaram, e passem a depender de outras forças políticas, mais capazes de dar o exemplo. Comunistas, então, precisam não apenas conhecer a realidade das lutas – investigar – e buscar pontos de articulação e construção – compor – mas precisam fazê-lo cientes de que isso não significa necessariamente realizar o programa de nenhuma organização em particular. É como se estivéssemos em um labirinto: a pergunta não é “por aqui ou por ali”, a pergunta é como chegar até o fim – e isso pode envolver ir em uma direção, depois em outra, parar e repensar o que já foi feito. Na prática, isso indica uma orientação geral, que é *tomar toda decisão, toda conquista ou derrota como material para um próximo passo*. Continuar é a única coisa que podemos fazer que transcende a vitória e a derrota, pois tanto vencer quanto perder podem nos ajudar a repensar qual caminho tomar.

Mas continuar não é apenas uma injunção, no sentido de uma direção: é também o que garante a preocupação com a realidade material das lutas. Não se trata apenas de continuar as investigações e processos de composição, mas também de pensar essas práticas *tendo em vista* que precisamos continuar. É nesse sentido que a terceira “palavra de ordem” do nosso livro se torna mais palpável: é ela que situa tanto o problema da investigação quanto da composição no campo da economia política – isto é, no campo dos custos de energia e tempo que podemos despende em cada coisa quando estamos cientes que a caminhada será longa. Como vimos, a atuação dos comunistas se dá, em grande parte, através de suas próprias organizações, na medida em que a preocupação com o “movimento como um todo” cria uma nova contradição, vivida por cada militante e organizador que se engaja com esse ponto de vista. Mas se existe uma nova contradição, existe também mais esforço, mais preocupações, mais tensões. Antes de reduzir o trabalho de todos, a cooperação sempre dá um pouco mais de trabalho: é como se, para desfazer os maus hábitos que nos isolam, justamente para podermos nos apoiar e ficarmos mais fortes, precisássemos trabalhar ainda mais, até o esforço coletivo começar a dar frutos. As práticas comunistas enfrentam esse desafio. E é portanto crucial que os comunistas consigam não apenas olhar para os lados, mas também reconhecer o tamanho de sua tarefa histórica, para melhor se preparar, escolher suas batalhas e também valorizar a capacidade das articulações de dar sobriedade a lutas e histórias políticas. Através das articulações, os saldos de uma luta, ou de uma experiência política importante, podem continuar influenciando e transformando a realidade mesmo que nós não possamos mais prosseguir.

Mas como podem os comunistas saber se estamos avançando? Se é justo continuar?

De certa maneira, a tradição comunista ocidental imaginou duas formas de pensar como a continuidade poderia nos levar a uma ruptura radical. A primeira – que no *Manifesto* é representada pelos “socialistas utópicos” – pensa essa ruptura como uma questão de espaço. Naquela época, o capitalismo parecia um fenômeno circunscrito a certos países e regiões, e portanto era possível imaginar que uma

nova sociedade se iniciaria em outro lugar, em uma comuna ou comunidade afastada da ditadura da mercadoria e do capital. A fuga, o fora, a expansão de um território ou de uma guerrilha – são todas imagens que encontramos aqui, e que continuam cruciais para a imaginação revolucionária.

Mas à medida em que se constatou que o capitalismo se alastrava por todas as partes do mundo, e que era cada vez mais difícil imaginar um espaço seguro fora de suas garras, começou a surgir outra maneira de pensar a transformação, mas centrada na dimensão do tempo – a ciência da história, o “socialismo científico”, foi muito responsável por criar e alimentar essa outra forma de imaginar. A ruptura, aqui, se tornava uma questão da transição entre sistemas sociais globais – entre um “agora” e um “depois”, e não entre um “aqui” e um “acolá”. A imaginação revolucionária que considera o tempo a categoria central, pensa muito em termos de acúmulo, de etapas, de momentos cruciais onde tudo estará em jogo. E faz sentido que essa maneira de imaginar a revolução tenha surgido, já que o capitalismo havia colonizado todo o espaço, parecia que o único ponto de fuga estava nos aguardando no futuro.

Hoje é possível que tanto a imaginação espacial do refúgio e da expansão quanto a imaginação temporal do tempo livre e do futuro em aberto estejam um pouco saturadas, no sentido que demos a essa ideia no começo do livro: não deixam de ser importantes, mas não tem tanta tração política em um terreno social periférico como o nosso. Continuar indo para frente, sobreviver, parece não desembocar em um grande confronto, um momento de ruptura verdadeira. O que chamamos de periferização do capitalismo é também, como vimos, uma crise da temporalidade moderna, que balizava essa expectativa em um futuro comum que se escondia dentro do próprio capitalismo. E quem hoje acredita que o mundo caminha, por sua própria inércia e contradições internas, rumo às condições adequadas para uma grande insurreição planetária?

Acontece que existe uma terceira dimensão, tão fundamental quanto o tempo e o espaço, e que é igualmente capaz de acolher nossa imaginação revolucionária e

desejo por transformação: a *escala* das coisas. E essa é uma dimensão onde, ao continuar, mesmo com toda multiplicidade de lutas, mesmo sem convergência garantida, ainda podemos vislumbrar uma forma de ruptura radical.

Pode parecer contra-intuitivo, mas quando conto para alguém a posição no espaço e no tempo de algum objeto, nem por isso sei qual o seu tamanho. Para definir isso, preciso de um outro critério de comparação, que não um mapa ou um relógio. Uma bola de futebol é grande se comparada a uma formiga, e minúscula se comparada a uma cidade – e praticamente nada se pensarmos no enorme sistema solar. A escala, por mais que esteja conectada com o espaço e o tempo, pode se alterar sem que eles se alterem, é portanto independente deles em algum grau.

Essa maneira de pensar sobre as partes e o todo, o pequeno e o grande, também pode inspirar nossa imaginação revolucionária, situando o que somos capazes de fazer coletivamente em um espaço de muito mais alcance do que o que temos acesso imediato. É claro que precisamos atuar politicamente tendo em vista como podemos fazer uma greve em uma única instituição se expandir até virar uma greve do setor inteiro, ou uma greve geral, assim como precisamos pensar como fazer uma greve durar até que consiga suas demandas – espaço e tempo – mas também precisamos ser capazes de pensar o espaço maior, de greves institucionais e breques, pequenas paralizações revoltosas em supermercados e pressão partidária para o avanço da legislação trabalhista. Não é que cada uma dessas coisas automaticamente caminha na mesma direção – mas *se quisermos* que se agreguem e se relacionem de alguma maneira, então é preciso também exercitar essa capacidade de continuar pensando a política para além da nossa própria atuação e forma de organização. Às vezes as lutas têm extensões e durações curtas, mas no seu conjunto, no modo como influenciam umas as outras, na verdade pensam e agem com grandeza e horizonte.

Lutas espalhadas pelo mundo, porém interdependentes, podem cobrir o globo, e podem portanto constituir um ponto de vista maior, mesmo se essas conexões não garantem ainda a continuidade espacial ou temporal desses processos. Sentir a

existência de uma força política dessa magnitude não significa tentar nos elevar para fora de nossa realidade imediata para decidir e intervir diretamente “no todo”, mas estar atento para os momentos em que o ponto de vista dessa totalidade nos oferece meios de reorientar nossas formas de nos organizar e agir que são realmente consequentes e poderosos. Quando esse ponto de vista – lastreado pela existência de uma rede de articulações e interdependências reais – se torna consequente, isto é, quando o que construímos é melhor organizado quando consideramos a perspectiva comunista, temos aí um indicador importante de que existe uma luta revolucionária em curso, por mais silenciosa que seja.